

GISELDA LAPORTA NICOLELIS

Ilustrações
ROGÉRIO SOUD

Melhores dias Virão



5ª edição
Conforme a nova ortografia

 **Editora
Saraiva**

Editor: ROGÉRIO GASTALDO

Assistente editorial: ELAINE CRISTINA DEL NERO

Secretária editorial: ROSILAINE REIS DA SILVA

Suplemento de trabalho: MÁRCIA GARCIA

Coordenação de revisão: LIVIA MARIA GIORGIO

Edição de arte: NAIR DE MEDEIROS BARBOSA

Supervisão de arte: VAGNER CASTRO DOS SANTOS

Finalização de capa: ANTONIO ROBERTO BRESSAN

Diagramação: ROBSON LUIZ MEREU

Produtor gráfico: ROGÉRIO STRELICIUC

Impressão e acabamento:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)	
Nicoelis, Giselda Laporta Melhores dias virão / Giselda Laporta Nicoelis ; ilustrações Rogério Soud. — 5. ed. — São Paulo : Saraiva, 2009. — (Jabuti)	
Bibliografia. ISBN 978-85-02-07961-8	
1. Literatura infantojuvenil I. Soud, Rogério. II. Título. III. Série.	
02-2069	CDD-028.5
Índices para catálogo sistemático:	
1. Literatura infantojuvenil 028.5	
2. Literatura juvenil 028.5	

10ª tiragem, 2017

Saraiva Educação S.A.
Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo – SP
Tel.: (0xx11) 4003-3061
www.editorasaraiva.com.br
atendimento@aticascipione.com.br
Todos os direitos reservados.

CL: 810029
CAE: 571332

Melhores Dias

ViRão

Meu nome é Lenilson e tenho 21 anos. Quando ainda morava com a mãe, ela festejava meu aniversário, fazia bolo, essas coisas. Agora, às vezes, até esqueço o dia, ah, é 13 de agosto. Vai ver nasci numa sexta-feira, porque, por muito tempo, eu tive azar.

Foi legal conhecer você, mano; mais legal ainda saber que vai escrever a minha história. Quero contar tudo o que eu passei na vida. Quem sabe, sirva pra abrir os olhos de outros como eu.

A minha vida é um troço complicado. Tenho 21 anos, mas muito pra contar, mano... Garanto que nem vai acreditar.

Não é papo, não, tem coisa mesmo de arrepiar. Quando a gente sai muito cedo de casa, cai no mundo, a barra pesa... Não tenho vergonha de dizer, a minha casa, até quatro anos atrás, foi a rua; tudo o que eu sabia aprendi com os pivetes como eu. Às vezes saía tapa, gritaria, mas no fim a gente se entendia, tipo família mesmo.

Não nasci na rua, não, tinha casa, pai e mãe. Quer dizer, mãe, porque o pai sumiu eu ainda era pequeno, nem me lembro dele direito. Só o retrato meio desbotado que a mãe de vez em quando mostrava: — Este é o teu pai, Lenilson.

Homem mirrado, feio, sorrindo com pouco dente. A mãe dizia que ele bebia muito, vivia no botequim da

esquina, torrando a grana inteira de peão de obra. Um dia sumiu, não deixou nem bilhete. Só um recado com a vizinha de barraco:

— Diz pra Linda que vou embora e não volto mais...

Cinco filhos. Eu era o mais novo, o caçula lá da casa. A mãe, diarista, com o tempo pôs todos pra jambrar... Crescia um pouco, já pegava no batente.

Na verdade me criei sozinho lá na maloca. Muita boca pra comer, aluguel do barraco, sacomé, não tinha essas frescuras de ficar pajeando bacuri. Uma vizinha garantia um prato de comida, a dona Maria, com mais filhos ainda que a mãe, uns 9 ou dez, por aí...

Logo cedinho, a mãe saía com a gurizada...

A Lucilene, a mais velha, arrumou emprego numa avícola, foi limpar galinha... Tinha uma birra danada do emprego, dizia que aquele cheiro de galinha grudava na roupa, nas mãos, no cabelo, um saco. E o dono da avícola, o seu Takashi, estava sempre na cola dela, exigindo mais trabalho.

Depois vinha o Lindomar, a cara do pai. A mãe nem podia olhar direito pra ele que se lembrava do safado.

O Lindomar deu sorte, foi trabalhar numa sorveteria. Logo no primeiro dia de trabalho tomou tanto sorvete que ficou dias com dor de garganta, perdeu a voz e quase perde o emprego. Levou uns tapas da mãe, ficou até de orelha vermelha.

A Lindalva, a mãe colocou no supermercado pra carregar embrulho de madame. Só tinha menino carregador, mas a mãe insistiu tanto que contrataram a Lindalva. Uma ou outra madame dava gorjeta boa; a maioria era "mão de samambaia", soltava uns trocos mixurucas que não garantiam nem a condução. Dia de chuva, então, a coitada ficava toda molhada, nem tinha

capa de plástico pra usar. Pegava resfriado bravo que a mãe curava com chá de limão e aspirina.

Depois da Lindalva vinha o Ludenir. Esse foi trabalhar de ajudante de jardineiro do seu Francisco, vizinho nosso. Ele precisava de um garoto pra pegar no pesado: carregar as ferramentas, cortar grama, tirar entulho. Coitado do Ludenir. Logo na primeira semana, encheu a mão de bolha. A mãe consolou:

— Com o tempo, cria calo.

A mãe teve 4 filhos seguidos... depois deu uma parada. Acho que foi no tempo em que o pai sumiu pela primeira vez. Depois ele voltou e nasci eu. A mãe dizia que ele só servia pra fazer filho e bater nela, acho que deu até graças a Deus quando ele sumiu de vez.

Meus irmãos é que pagaram o pato... Nenhum deles tinha carteira assinada, trabalhavam pra burro e ganhavam mixaria. E pior: tiveram até que largar a escola pra poder trabalhar.

Sobrava eu, né? Muito pequeno ainda, ninguém queria. Então fiquei por conta da dona Maria, a vizinha. A mãe dava um dinheiro pra ela no fim do mês para o prato de comida. E eu que me virasse.

Ah, esta cicatriz no braço? Faz tempo, cara, foi quando me queimei no fogão. Deu fome, fui esquentar um resto de comida. A desgraçada da panela virou no meu braço. Só de noite, quando a mãe chegou, me levou na farmácia e puseram pomada. Doeu pra burro, deixou marca feia, ligo não, parece tatuagem...

Mas como eu ia dizendo... todo dia, nem bem amanhecia, a mãe saía com a meninada, só voltava de noite. A condução vinha cheia, chegava todo mundo meio estropiado, e a mãe ainda ia fazer janta, porque meus irmãos levavam marmita pra comer no serviço, patrão nenhum dava prato de comida, todos uns unhas de fome.

— O que você fez o dia inteiro? — perguntava a mãe.

— Andei por aí — respondia.

— Veja lá o que você apronta, moleque, já tenho problema demais, não se meta com malandro!

Eu ficava na minha... não tinha nada pra fazer mesmo. A mãe não conseguia vaga em escola perto de casa, só muito longe; gastar condução não dava, fazia falta pra comida. Nem meus irmãos estudavam mais por causa do trabalho.

Sem escola, sem mãe por perto, logo cedo eu ganhava a rua. Conhecia todo mundo na maloca. Quando o sol ficava mais quente, vinha um mau cheiro lá do córrego, mas a criançada nem aí; metia os pés naquela água, junto com os vira-latas — a gente brincava de pega-pega, de atirar água no outro. Depois ia todo mundo ver televisão.

O que não faltava na favela era TV. A de casa tinha quebrado fazia um tempão, mas cadê dinheiro pra consertar? Então eu via na casa da dona Maria.

Cada programa mais bonito! O melhor mesmo eram os anúncios de comida, doce, chocolate. Ficava vendo aquela gente bacana comendo cada sanduíche que me dava até água na boca... Vontade de entrar dentro da televisão e comer junto. Depois dava raiva, porque a gororoba da dona Maria não tinha gosto de nada; como ela não tinha dente, então achava que era todo mundo igual. Fazia um feijão de caldo ralo e quase sem tempero, o arroz feito papa.

Eu pensava: algum dia vou ter dinheiro pra comer o que quiser... o que esses bacanas aí na televisão estão comendo: sanduíche, doce, chocolate — a vida não podia ser sempre uma droga, podia?

Não estou me queixando, entendeu, não quero pena. É só pra você me conhecer melhor. Eu era movido



a raiva o tempo todo. Se ponha no meu lugar: sem pai pra dar conselho, a mãe sempre longe, trabalhando, largado por aí... Eu tinha uma inveja desgraçada de garoto que esperava o pai voltar do serviço, lá no ponto de buzão, que ia jogar pelada no campinho, aos domingos, junto com o pai.

Eu me recusava a ser um filho abandonado feito chinelo velho. Então, pra me vingar, eu dizia pra todo mundo que o pai tinha morrido. É, eu dizia isso mesmo, dava até o nome do cemitério onde ele estava enterado. Quem conhecia o velho não acreditava e ria... mas sempre aparecia um otário e a história colava. Me sentia tão bem dizendo aquilo, me dava um consolo tão grande! Pai morto é mais fácil de perdoar.

Foi nessa época que eu conheci a gangue do Zelão. Era um garoto alto, branquela, de cabelo tingido de loiro, uma peça. Tinha mais de dez moleques na gangue que obedeciam o chefe sem piscar.

Ele também morava na maloca. A mãe dele, empregada de uns bacanas de bairro chique, dormia no emprego e só voltava no fim da semana. Gozado que o Zelão andava sempre bem-vestido: jaqueta de couro e boot de grife, argolas de ouro nas orelhas e um anelão de rubi no dedo; parecia até doutor.

Um dia, eu ia passando, o Zelão me chamou:

— Vem cá, pivete, quero um lero contigo.

Fui, só de curiosidade. O Zelão era diferente. Garanto que ele comia todos aqueles sanduíches e doces que apareciam na televisão. Quem sabe não sobrava um pouco pra mim?

— Quer entrar pra minha gangue? — perguntou o Zelão e sorriu. Depois deu uma tragada no cigarro, deixando um cheiro adocicado... Eu estava perto, até enjoiei.